

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Couple Next Door*

Autora: *Shari Lapena*

Copyright © 1742145 Ontario Limited 2016

Os direitos de Shari Lapena como autora desta obra estão certificados conforme o Copyright, Designs and Patents Act, 1988

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria João Lourenço*

Revisão: *Rita Silva/Editorial Presença*

Arranjo gráfico da capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem da capa © *Sean Ellis/Getty Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 426 655/17

1.ª edição, Lisboa, junho, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Anne sente a acidez que lhe corrói o estômago, ameaçando subir-lhe até à garganta. Sente a cabeça a andar à roda. Bebeu em excesso. Cynthia passou a noite inteira a encher-lhe o copo. Anne esforçou-se por impor a si própria um limite, mas, às tantas, a situação descontrolou-se. Para dizer a verdade, sem isso não conseguiria aguentar a noitada. Chegada a este ponto, desconhece ao certo a quantidade de álcool que bebeu no decorrer deste jantar interminável. De manhã, terá de recorrer à bomba para tirar o leite do peito.

No calor desta noite de verão em que se sente a definhar, foca-se na anfitriã, observando-a de olhos semicerrados. Cynthia seduz Marco às claras. Anne pergunta a si mesma porque atura aquele comportamento. Por que carga de água é que Graham, o marido de Cynthia, permite aquilo? Pode estar furiosa, mas não dá o braço a torcer. Como pôr um ponto final no caso sem parecer patética e ridícula? Estão todos um bocado entornados. A fervilhar de raiva, Anne fecha os olhos à situação e continua a beber o seu vinho. Não nasceu para fazer cenas nem para chamar a atenção sobre a sua pessoa.

Já o mesmo não se pode dizer de Cynthia...

Anne, Marco e o cordial marido de Cynthia estão os três de olhos postos nesta, perfeitamente fascinados. Sobretudo Marco, que não consegue tirar os olhos dela. Cynthia inclina-se um pouco para encher o copo e Marco quase roça o nariz no rego dos seus seios proeminentes no *top* cingido ao peito e profundamente cavado.

Anne faz os possíveis por ter em conta que Cynthia namoriscar tudo o que seja homem. Não tirar partido do seu aspeto extraordinariamente atraente é superior às suas forças.

Quanto mais tempo lhe é dado assistir àquele espetáculo, mais Anne se interroga sobre a hipótese de Marco e Cynthia andarem envolvidos. Nunca suspeitara de nada, até à data. Talvez a bebida contribua para a tornar paranoica.

Não, decide de uma vez por todas. Se tivessem alguma coisa a esconder, não se comportariam assim. Dos dois, a sedutora por excelência é Cynthia, cabendo a Marco o papel de objeto do desejo. O próprio Marco exhibe um aspeto porventura demasiado atraente: com o cabelo escuro despenteado, os olhos castanhos cor de avelã e o sorriso encantador que é seu apanágio, está mais do que habituado a despertar as atenções. É inegável que Cynthia e Marco formam um par que dá nas vistas. *Acaba com isso*, diz Anne para si própria. Não tem a mínima dúvida de que Marco é fiel. Sabe, melhor do que ninguém, que o marido vive única e exclusivamente para a família. Ela e a filha de ambos são tudo para ele. *Ficarei firme a seu lado aconteça o que acontecer*, pensa enquanto bebe mais um gole de vinho, *por mais negras que as coisas se anunciem.*

Assistir ao espetáculo proporcionado por uma Cynthia praticamente sentada no colo de Marco só serve para aumentar significativamente os seus níveis de ansiedade e irritação. A gravidez deixou Anne com dez quilos a mais. Passaram seis meses desde que foi mãe. Pelas suas contas, nesta fase do campeonato já deveria ter recuperado a figura que tinha antes da gravidez, mas, pelos vistos, a forma física demora pelo menos um ano a recuperar. Acima de tudo, deve evitar os tabloides expostos à saída da mercearia e não cair na tentação de se comparar com aquelas celebridades que, com a ajuda dos treinadores pessoais, têm um aspeto sensacional escassas semanas após darem à luz.

A verdade, pura e dura, é que nem no auge da sua condição física poderá Anne alguma vez competir com Cynthia, a vizinha alta e bem lançada — com as suas longas pernas, ventre plano, grandes seios, pele de porcelana e cabelos espalhados pelos ombros.

Cynthia, conhecida por se apresentar vestida para matar, de saltos altos e roupas *sexy*, mesmo para um jantar em casa com o casal que mora na porta ao lado.

Incapaz de se concentrar na conversa, Anne desliga de vez e deixa-se ficar ali a observar a lareira esculpida em mármore, igualzinha à que existe na sua sala de estar, paredes-meias com a casa de Cynthia e Graham. Vivem em moradias geminadas com paredes de tijolo tipicamente citadinas no norte do estado de Nova Iorque, construídas para resistir ao efeito do tempo nos finais do século XIX. As casas, inspiradas no desenho italiano, alinham-se, devidamente restauradas: a casa de Anne e Marco fica na ponta, e as duas exibem ténues diferenças no que toca à decoração e ao gosto. À sua maneira, cada uma é uma pequena obra de arte.

Num gesto canhestro, agarra no telemóvel em cima da mesa e verifica as horas. É quase uma da manhã. À meia-noite e meia, Marco tinha ido a casa verificar como estava a bebé. A seguir, fumara um cigarro nas traseiras, na companhia de Cynthia, enquanto Anne e Graham, um tanto embaraçados, tinham permanecido sentados à mesa por levantar, entretidos numa conversa formal. O que ela devia ter feito era erguer-se da cadeira e segui-los até ao pátio, para ver se corria uma brisa. Mas não o fez. Graham não gostava de apanhar com o fumo de tabaco, além de que teria sido rude da parte dela, ou pouco delicado, no mínimo, abandonar o anfitrião à mesa do jantar. Em nome das boas maneiras, deixou-se ficar. Branco, anglo-saxão e protestante¹ como ela, Graham é um cavalheiro impecavelmente bem-educado. Por que motivo terá ele casado com uma mulher como Cynthia? É um mistério para ela. Cynthia e Marco regressaram há minutos do pátio e Anne só pensa em sair dali, apesar de ser mais do que óbvio que há quem se esteja a divertir.

Como quem não quer a coisa, olha para a extremidade da mesa, onde está o monitor do bebé, com a pequena luz vermelha fazendo lembrar a ponta acesa de um cigarro. O ecrã está partido desde que ela o deixou cair e Marco não teve tempo de o substituir, mas o áudio continua a funcionar. De súbito, ao aperceber-se daquele

¹ WASP, em inglês: *White Anglo-Saxon Protestant*. (NT)

gigantesco equívoco, a dúvida assalta-a. Quem é que se lembra de ir jantar a casa dos vizinhos do lado e abandona o filho sozinho? O eterno sentimento de agonia toma conta dela. *Decididamente, não é uma boa mãe.*

É certo que a *baby-sitter* é que cancelou. Mas deviam ter levado Cora com eles, juntamente com o parque portátil para a filha brincar. Mas Cynthia fora taxativa: nada de crianças. Era uma noite só para adultos, a fim de comemorar o aniversário de Graham. Mais uma boa razão para Anne embirrar com a boa da vizinha, em tempos sua amiga: Cynthia não é adepta de crianças. Quem é que se lembra de proibir a presença de um bebé num jantar? Como é que se deixou convencer pelo marido e alinhou naquela cegada? Que irresponsabilidade! Põe-se a cismar nos comentários das outras mães do grupo, se alguma vez viessem a saber. *Deixámos a nossa filha com seis meses em casa, sozinha, e fomos jantar a casa dos vizinhos do lado.* Imagina a cara de espanto delas, chocadas, o silêncio desconfortável. Nunca lhes contará, escusado será dizer. Iria parar à lista negra.

O casal discutiu o assunto antes do jantar. Quando a *baby-sitter* telefonou a dizer que não podia ir trabalhar, Anne ofereceu-se para ficar em casa com a bebé. Nem sequer lhe apetecia ir ao jantar, mas quem não esteve pelos ajustes foi Marco.

— Não podes ficar em casa — insistiu ele, durante uma acesa troca de palavras na cozinha.

— Fico lindamente — retorquiu ela, baixando a voz.

Acima de tudo, queria evitar que Cynthia, através da parede que separa as duas vivendas, os ouvisse discutir acerca daquela questão concreta: ir ou não ao jantar oferecido pela vizinha.

— Sair só te fará bem, vais ver — contrapôs Marco, baixando também os decibéis. — Sabes o que o médico disse — acrescentou.

Ela passara a noite inteira a pensar se aquele último comentário era mesquinho, egoísta, ou se ele estava apenas a tentar ajudar. Depois, cedeu. Marco lá a convenceu de que, com a ajuda do monitor, poderia ouvir a filha bebé sempre que ela se mexesse ou acordasse. Combinaram ir espreitá-la de meia em meia hora. Correria tudo bem.

É uma da manhã. Deve ir até casa ver como param as modas ou convencer Marco a irem-se embora de vez? Anne só pensa em deitar-se, desejando que a noite chegue ao fim.

Puxa o marido pela manga.

— Marco — diz ela —, temos de ir. Já é uma hora da manhã.

— Oh, fiquem mais um bocado — intervém Cynthia. — Ainda é cedo!

Salta aos olhos que a vizinha do lado não quer que Marco se vá embora. Em contrapartida, não se importava nada que Anne saísse porta fora, disse tem ela a certeza.

— Para ti, talvez — responde Anne, fazendo os possíveis por imprimir à frase um tom ligeiramente ríspido, apesar de já estar com os copos —, mas eu tenho de me levantar cedo para dar de comer à menina.

— Coitada de ti... — diz Cynthia, e por qualquer motivo a frase tem o condão de irritar supinamente Anne, sobretudo vinda de uma pessoa que não é mãe, e nunca quis ser. Cynthia e Graham escolheram não ter filhos.

Convencer Marco a abandonar o jantar revela-se uma tarefa difícil. Ele parece decidido a ficar. Está a divertir-se à brava, ao passo que Anne começa a ficar cada vez mais ansiosa.

— Só mais um — diz Marco a Cynthia, de copo ao alto, evitando fitar a mulher.

Encontra-se invulgarmente agitado, talvez mesmo a roçar o forçosamente impetuoso. Anne bem gostaria de saber porquê. Tem andado muito calado em casa nos últimos tempos. Inquieto, para não dizer mal-humorado. Mas nesta noite é ele o rei da festa. Há já algum tempo que Anne sentiu que algo não está bem. Contudo, na companhia de Cynthia, o marido tem-se mostrado a alma do jantar! Ela vem presentindo que há qualquer coisa errada. Quem lhe dera que Marco lhe contasse o que se passa, em vez de se fechar em copas e quase não abrir a boca. Também pode estar a afastar-se da mulher por causa da depressão pós-parto de que ela sofre. O marido está desapontado com ela. Vendo bem, quem não está? É mais do que evidente que, nessa noite, Marco prefere a bela, esfuziante e animada Cynthia.

Anne consulta o telemóvel e perde a paciência de vez.

— Vou-me embora. Já devia ter ido ver a bebé à uma. — Diz aquilo sem desviar o olhar. — Fica até às horas que te apetecer — acrescenta, sem rodeios.

Marco examina-a com os olhos brilhantes. *Afinal, ele não está bêbedo*, pensa de repente. Sente-se atordoada. Será que vão começar a discutir? À frente dos vizinhos? Começa à procura da carteira, pega no monitor da filha e, ao reparar que está ligado à tomada da parede, inclina-se para o desligar. Tem a nítida consciência dos outros, sentados à mesa, de olhares cravados no seu traseiro gordo.

Que olhem à vontade! Palpita-lhe que conspiram contra si, animados do sentimento comum de que ela é uma desmancha-prazeres. As lágrimas estão prestes a saltar, mas luta contra a iminente crise de choro. A última coisa que lhe apetece é desatar num pranto à frente de toda a gente. Cynthia e Graham nada sabem acerca da melancolia que se apoderou dela depois de ter tido a filha. Não iriam compreender. O casal não contara a ninguém, a não ser à mãe de Anne, com quem a filha entrara em confidências. Anne tem a certezinha absoluta de que a mãe não contará nada, nem sequer ao pai. Ela não quer que ninguém saiba e suspeita que Marco sente o mesmo, apesar de o marido não ter comentado o assunto com ela. Passar a vida a fingir que está tudo bem deixa qualquer um de rastos.

De costas viradas, percebe pelo tom de voz que o marido mudou de ideias.

— Tens razão. Já é tarde, vamos embora — diz ele.

Ouve distintamente o som que Marco faz ao pousar o copo sobre a mesa.

Anne volta-se e afasta os cabelos dos olhos com as costas da mão.

— Para a próxima somos nós que convidamos — riposta com o arremedo de um sorriso.

Podem vir a nossa casa, onde vive também a nossa filha, e só espero que ela chore o tempo todo e dê cabo da vossa noite. Tudo farei para que o jantar se realize enquanto a Cora estiver na fase dos dentes, acrescenta Anne de si para si.

Abandonam a casa dos vizinhos logo a seguir. Não precisam de se preocupar com o carrinho de bebê; são só os dois, a mala dela e o monitor, que Anne guarda na carteira. Cynthia parece aborrecida com a súbita partida, ao passo que Graham permanece neutro; vão despedir-se deles à porta, pesadíssima como tudo. Anne agarra-se ao corrimão de madeira elaboradamente esculpido, a fim de manter o equilíbrio. São apenas meia dúzia de passos até chegarem às escadas da sua própria casa, que possui um corrimão parecido e uma porta da frente igualmente maciça. Calada, Anne segue dois ou três passos à frente de Marco. Parece decidida a não lhe dirigir a palavra durante o resto da noite. Sobe os degraus e detém-se, com o coração nas mãos.

— O que foi? — pergunta Marco, atrás dela. A tensão transparece na sua voz.

Sem se mexer, Anne olha fixamente em frente. A porta está aberta, deixando ver uma fresta de quinze centímetros.

— Tenho a certeza de que a fechei — diz ela, num tom estri-dente.

— Se calhar, esqueceste-te. Fartaste-te beber — diz Marco com brusquidão.

Mas Anne não está a ouvir. Dentro de casa, corre pelas escadas acima e vai direita ao quarto da bebé, com Marco colado a ela.

Quando lá chega e vê o berço vazio, solta um grito.